



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA**

**WAGNER DA MATA OLIVEIRA**

**PETER SINGER: O CONCEITO DE IGUAL CONSIDERAÇÃO DE INTERESSES**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2016**

**WAGNER DA MATA OLIVEIRA**

**PETER SINGER:** o conceito de igual consideração de interesses

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Me. Roberto Pereira Veras.

**CAMPINA GRANDE – PB  
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48p Oliveira, Wagner da Mata  
Peter Singer [manuscrito] : o conceito de igual consideração  
de interesses / Wagner da Mata Oliveira. - 2016.  
22 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.  
"Orientação: Prof. Me. Roberto Pereira Veras, Departamento  
de Filosofia".

1.Filosofia. 2.Filosofia moderna. 3.Filósofo contemporâneo.  
4.Utilitarismo. I. Título.

21. ed. CDD 190

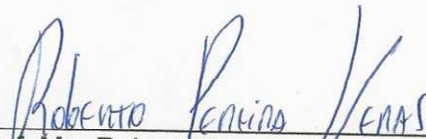
**WAGNER DA MATA OLIVEIRA**

**PETER SINGER: o conceito de igual consideração de interesses**

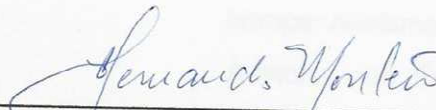
Artigo apresentado ao Programa de Graduação em Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Filosofia.

Aprovada em: 21/10/2016.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Me. Roberto Pereira Veras (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Fernando José da Silva Monteiro  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ma. Amanda Oliveira da Silva Pontes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha esposa, Edivânia Lopes, pelo  
companheirismo e paciência.

À minha mãe, Francisca Clara, por todo amor e  
carinho.

À minha avó, Maria Adélia, pela perseverança e  
amor à vida. (in memoriam)

## **AGRADECIMENTOS**

À minha amada esposa, Edivânia Lopes de Moura da Mata, que esteve ao meu lado me apoiando e me incentivando nos momentos de cansaço.

À minha mãe, Francisca Clara, exemplo de garra, que exerceu dupla função em minha criação, se desdobrando em mil para que eu recebesse a melhor educação possível.

Ao Prof. Me. Roberto Veras pelo apoio e sugestões de leituras ao longo dessa orientação.

Ao Prof. Dr. Valmir Pereira, coordenador do curso de filosofia, que em momento crucial me apoiou, restaurando todas as minhas esperanças.

À Prof. Dra. Simone Marinho, exemplo a ser seguido na vida acadêmica.

Aos amigos Herik, Adeildo, Vanzelândio, Emerson, Diego e Edivan, os quais deixaram o curso muito mais animado.

A todos os professores que dividiram seus conhecimentos, ajudando muito na minha evolução acadêmica.

A todos os colegas que fizeram parte desta trajetória, e que vão deixar em meu peito o sentimento de saudade.

“É melhor fazer pouco e bem, do que  
muito e mal”

Sócrates

## SÚMARIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>1 PERSPECTIVA KANTIANA .....</b>	<b>10</b>
<b>2 PERSPECTIVA MILLIANA .....</b>	<b>12</b>
<b>3 ÉTICA DEONTOLÓGICA .....</b>	<b>13</b>
<b>4 ÉTICA UTILITARISTA .....</b>	<b>14</b>
<b>5 PETER SINGER E A CONCEPÇÃO ÉTICA NOS DIAS ATUAIS .....</b>	<b>16</b>
<b>6 SOMOS REALMENTE IGUAIS .....</b>	<b>17</b>
<b>7 A ESSÊNCIA DOS INTERESSES .....</b>	<b>18</b>
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>20</b>
<b>9 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>21</b>



## RESUMO

O objetivo deste artigo é o entendimento do conceito-chave do filósofo contemporâneo Peter Singer. Este australiano, adorado por muitos e odiados por outros tantos, desenvolve o conceito da igual consideração de interesses, conceito que norteia todos os seus escritos. Este artigo faz um breve resgate histórico, buscando a diferenciação entre a ética deontológica de perspectiva kantiana, da ética consequencialista na perspectiva de Stuart Mill. Onde nesta última, se destaca a noção de utilitarismo. Abordar-se-á a ética utilitarista nos dias atuais e verificar-se-á como Peter Singer subdivide o utilitarismo, criando uma nova perspectiva. Quando a teoria Singeriana da igual consideração de interesses for explicada, concluir-se-á que nem sempre uma ação que visa à igualdade, enseja uma igualdade propriamente dita. Muitas vezes o agir desigual é que proporcionará a igualdade desejada.

**Palavras-Chave:** Utilitarismo. Peter Singer. Igual consideração de interesses.

PETER SINGER: o conceito de igual consideração de interesses

## INTRODUÇÃO

Para alcançar o objetivo deste artigo, que é o entendimento a respeito do conceito de igual consideração de interesses do filósofo contemporâneo Peter Singer, iniciaremos com um breve resgate histórico para assim situarmos. Lançaremos nosso olhar para duas perspectivas antagônicas. A perspectiva kantiana, focando o estudo no campo da ética, ou da moral, em Immanuel Kant, onde este defendia a ação em respeito ao imperativo categórico, isto é, a ação deve obrigatoriamente respeitar a lei em si mesma, independentemente de suas consequências; e a perspectiva milliana, tendo como precursor John Stuart Mill, que diferente da perspectiva kantiana, acreditava que uma ação deve ser considerada correta ou incorreta em função dos seus resultados ou consequências. Stuart Mill sugeria que para uma ação alcançar a melhor consequência, deveria trazer consigo o aumento da felicidade (bem-estar) ou diminuição da infelicidade.

Verificar-se-á que as perspectivas kantiana e milliana influenciam diretamente duas correntes ético-filosóficas. A ética deontológica, intimamente ligada a perspectiva kantiana, e a outra corrente, antagônica à primeira, utilitarista, de perspectiva milliana. Desta forma, tentar-se-á explicar e mostrar a diferença existente entre as teorias deontológicas e utilitaristas, constatando-se que a teoria

deontológica tem como principal característica o rigorismo do pensamento kantiano, e a teoria utilitarista como principal referência, John Stuart Mill.

A medida em que os argumentos são expostos no livro *Ética Prática* de Peter Singer, ver-se-á como o filósofo faz uso do utilitarismo para resolver os mais diversos problemas éticos. Muitas vezes somos levados a uma escolha que aparentemente se mostraria como a escolha mais lógica em se tratando de agir dentro da lei estabelecida, mas acaba sendo a escolha mais prejudicial para os envolvidos. Peter Singer mostra que através da igual consideração de interesses, a decisão para tomada de uma ação dependerá do cenário em que os envolvidos estão.

## 1 PERSPECTIVA KANTIANA

Não há como tratar da perspectiva kantiana sem antes falar do próprio Kant. Immanuel Kant (1724 – 1804) nasceu e morreu na cidade de Königsberg, localizada na Prússia oriental (atual Rússia). Oriundo de uma família modesta e protestante recebeu rígida educação no Collegium Fridericianum, escola religiosa pietista. Na sua vida adulta acreditava em Deus, mas tornou-se relativamente cético à religião institucional. Estudou geografia, teologia e filosofia na Universidade de Königsberg a qual posteriormente se tornou professor catedrático. Recebeu influências de Leibniz, Wolff, Baumgarten, Crusius, Hume, Rousseau, Newton e Kepler.

Seus escritos podem ser divididos em três períodos. No primeiro, indo até 1760, trata de ciências naturais, como física e astronomia, o segundo período, que vai até 1781, é conhecido como período “crítico”, e o terceiro período, de 1781 em diante, trata da filosofia transcendental. Immanuel Kant é considerado o principal filósofo da era moderna e definitivamente alicerçou a moderna filosofia alemã, influenciando grandes filósofos, tais como Fichte, Hegel, Schelling e Shopenhauer.

Um filósofo do tamanho de Kant merece um artigo à parte, mas esse não é o interesse deste artigo. Apenas uma parte do pensamento ético de Kant será apresentada para contrastarmos com a ética utilitarista. No campo da ética, Kant procura

[...] um único princípio supremo da moralidade, um princípio, além disso, com autoridade racional, conduzindo as paixões, em vez de se deixar

conduzir por elas, e a si sujeitando todas as criaturas racionais. A origem de todas as ações encontra-se num princípio subjetivo, ou máxima, e o valor moral de um indivíduo depende inteiramente da máxima da sua ação consistir no respeito pela lei e no dever (BLACKBURN, 1997, P. 215)

Para alcançar este objetivo, Kant busca uma síntese do homem enquanto ser finito, um acordo entre razão e vontade.

Se o homem fosse apenas sensibilidade, as suas ações seriam determinadas pelos impulsos sensíveis. Se fosse só racionalidade, seriam determinadas pela razão. Mas o homem é ao mesmo tempo sensibilidade e razão: Nesta possibilidade de escolha consiste a liberdade que dele faz um ser moral. (ABBAGNANO, 1970, P. 144)

O homem deve transcender a sensibilidade que lhe é característica. Com isto, o homem tem que suprimir todos os desejos, entre eles, o desejo pela felicidade. Kant faz duras críticas à filosofia de Epicúro e considera a busca pela felicidade como negativa, pois enseja desejo a fins materiais, onde:

[...] a felicidade não pode ser o fundamento de um imperativo moral. O desejo não é um imperativo; tudo o que é objecto de desejo pode dar lugar a máximas subjectivas, privadas de validez necessária, a imperativos hipotéticos, que ordenam alguma coisa em vista de um fim [...] que indicam os meios para se ser feliz. (ABBAGNANO, 1970, P. 144)

O imperativo para Kant “é uma regra prática pela qual uma ação em si mesma *contingente* é tornada *necessária*” (KANT, 2003, P. 65. Grifo do autor). É uma obrigação, um mandamento, um princípio prático objetivo para todos os homens agirem conforme a lei. É um dever ser. Kant mostra que existem dois tipos de imperativos; o imperativo hipotético, que “determinam a vontade só sob a *condição de que* ela queira alcançar determinados objetivos” (REALE, 2005, P. 379. Grifo do autor), sendo assim o desejo do agente é que determinará a necessidade de sua ação, visando sempre o resultado final. Como não é uma lei que obriga todos os homens, é uma imperatividade condicionada. E o imperativo categórico, que por sua vez, é incondicional,

[...] é aquele que representa uma ação como objetivamente necessária e a torna necessária não indiretamente através da representação de algum fim que pode ser atingido pela ação, mas através da mera representação dessa própria ação (sua forma) e, por conseguinte, diretamente (KANT, 2003, P. 65)

Neste sentido:

A lei moral é, [...] um *imperativo categórico* que não tem em vista nenhum objecto, nenhum escopo determinado, mas apenas a conformidade da ação à lei. [...] o imperativo categórico é puramente *formal*. Constitui, como lei, a própria exigência de uma lei [...] A lei moral não pode mandar outra coisa senão proceder de acordo com *uma máxima que possa valer para todos*. (ABBAGNANO, 1970, P. 144, 145. Grifo do autor)

O imperativo categórico “não consiste em ordenar *aquilo que devo querer*, e sim *como devo querer* aquilo que quero [...] a moralidade *não* consistirá naquilo que se faz, mas no *como se faz* aquilo que se faz” (REALE, 2005, P. 381. Grifo do autor). Sua fórmula da lei universal “é a seguinte: ‘Age de modo a que a máxima de tua vontade possa valer sempre, ao mesmo tempo, como princípio de legislação universal’, ou seja, que tua máxima (subjéctiva) se torne lei universal (objéctiva)” (REALE, 2005, P. 381). Outra fórmula do imperativo categórico é a fórmula do reino dos fins onde Kant diz: “Procede de modo a tratar a humanidade, na tua pessoa como na dos outros, sempre como fim, nunca como simples meio.” (ABBAGNANO, 1970, P. 152). Desta forma, é moralmente errado usar uma pessoa para atingir um objéctivo final.

Agir conforme o imperativo categórico é agir por obrigação à lei. A ética kantiana defende um agir pelo dever. No sistema kantiano, um dever é considerado perfeito, quando este é cumprido por puro respeito à lei em si mesma, independentemente de sua consequência. A intenção da ação do dever em respeito ao dever é que determina seu valor moral. Em outras palavras, “o dever é a *necessidade* de atuar por puro respeito à lei, a *necessidade objéctiva* de atuar a partir da obrigação, ou seja, a matéria de obrigação” (MORA, 2001, P. 176. Grifo do autor).

Esse rigorismo baseado na obrigação do dever pelo dever faz de Immanuel Kant o maior representante da ética deontológica, ética esta que está centrada na noção de dever, retidão e direitos. O sistema deontológico será melhor explicado à frente.

## 2 PERSPECTIVA MILLIANA

John Stuart Mill (1806 – 1873) recebeu educação muito severa e metódica de seu pai, James Mill, que impelido pelos conceitos de John Locke, acreditava que a mente humana era uma tabula rasa e aplicou a John Stuart Mill um extenuante e rigoroso programa educacional. Nascido e criado na efervescência do liberalismo inglês, sofreu influências de Adam Smith, David Ricardo, Jean-Batiste Say, Tocqueville, Saint-Simon, Augusto Comte, Jeremy Bentham e James Mill (seu pai). Destes dois últimos herdou e tornou-se difusor da ética utilitarista, onde mais tarde John Stuart Mill cria sua própria perspectiva utilitarista. Casou-se com Harriet Taylor que o ajudou efetivamente em seus escritos. Suas obras estão no campo de teorias lógicas e éticas-políticas, sempre dentro da tradição empirista, associacionista e utilitarista. John Stuart Mill é conhecido como um dos pensadores liberais mais influentes do século XIX.

Como foi feito no tópico anterior, onde foi destacada uma parte do trabalho do filósofo em voga, o foco a ser trabalhado neste será a teoria utilitarista que John Stuart Mill herdou de Jeremy Bentham e James Mill. Tendo uma visão antagônica à perspectiva kantiana, John Stuart Mill acredita que uma ação deve ser considerada correta ou incorreta em função dos seus resultados ou consequências. O homem sempre terá que optar pela ação que resulte na melhor consequência para todos os envolvidos. Uma ação que enseja uma melhor consequência é aquela em que os resultados contribuem para um aumento da felicidade (bem-estar) ou diminuição da infelicidade. Ou como o próprio Mill explica:

A doutrina que aceite a utilidade ou o Princípio da Maior Felicidade como o fundamento da moral, sustenta que as ações estão certas na medida em que elas tendem a promover a felicidade e erradas quando tendem a produzir o contrário da felicidade. Por felicidade entende-se prazer e ausência de dor, por infelicidade, dor e privação de prazer (MILL, 2000, P. 30)

Ao contrário de Jeremy Bentham, que desenvolveu a ideia de utilitarismo, onde se buscava a máxima felicidade possível para o maior número possível de pessoas, sendo assim considerado um utilitarismo quantitativo, John Stuart Mill defende que o utilitarismo deve levar em consideração além do prazer quantitativo, o prazer muito mais qualitativo.

É plenamente compatível com o princípio da utilidade reconhecer o fato de que alguns tipos de prazer são mais desejáveis e mais valiosos do que outros. Seria absurdo supor que a avaliação das outras coisas se leva em conta tanto a qualidade quanto a quantidade (MILL, 2000, P. 31, 32)

Mill compreende que há prazeres superiores (prazeres do espírito), que estão ligados à felicidade, e prazeres inferiores (prazeres do corpo), que estão ligados à satisfação. Sendo um prazer superior muito mais preferível que um prazer inferior, mesmo sendo o primeiro impossível de perfeição. “É melhor ser um humano insatisfeito do que um porco satisfeito, é melhor ser um Sócrates insatisfeito do que um porco satisfeito” (MILL, 2000, P. 33).

Tendo em vista a consequência da ação, a ética utilitarista de Stuart Mill não segue, necessariamente, a normas (leis) morais ou deveres absolutos, como defende Immanuel Kant. Existem situações em que o não cumprimento de determinadas leis/deveres têm como consequência um melhor estado de coisas.

### **3 ÉTICA DEONTOLÓGICA**

A deontologia (do grego *δέον*, deon [dever, obrigação] + *λόγος*, logos [ciência]) termo cunhado por Jeremy Bentham, refere-se ao ramo da ética em que o foco é o dever e as normas morais. A ética deontológica está assentada na ideia de dever, onde sua moral exige uma ação conforme os valores e princípios estabelecidos pela lei. É um agir conforme as leis, sem vistas às consequências, sendo então contrária à ética consequencialista. O conceito de deontologia é intrínseco à ideia de moral de Immanuel Kant. Sendo assim, o “dever é a ação à qual alguém está obrigado. É, portanto, a matéria da obrigação” (KANT, 2003, P. 65).

Kant defendia que o valor moral de determinada ação está atrelado à intenção desta ação. Desta forma, a intenção do agente tem valor moral quando este age para cumprir o dever pelo dever, sem segundas intenções, sem vistas as consequências, respeitando o imperativo categórico. Por exemplo, desde os tempos mais remotos, a humanidade definiu como dever absoluto que o homem não deve roubar. Para a deontologia, leia-se perspectiva kantiana, o ato de não roubar tem duas situações.

O indivíduo não rouba por receio de uma aplicação de pena contra sua pessoa. Este indivíduo está agindo por um impulso sensível. A sua ação de não roubar está conforme o dever, mas não é feita por dever, pois visa às consequências do ato. Logo, não é uma intenção pura e boa, tornando-se legal, porém imoral.

Se o indivíduo não rouba porque julga o ato de roubar errado em si mesmo e moralmente desprezível, este indivíduo tem convicção de estar agindo por uma intenção boa. Logo, uma ação boa que tem valor moral somada à intenção boa que parte de uma vontade livre é um ato totalmente legítimo, pois está cumprindo o dever pelo dever.

Para a deontologia, mentir, matar, roubar, são exemplos de deveres absolutos e o sujeito não pode desrespeitar tais normas morais. A dignidade humana tem valor absoluto, e sendo a dignidade humana desrespeitada, tal ação é imoral. A deontologia na contemporaneidade é usada por algumas profissões como manual ético, reunindo princípios, normas e deveres da categoria em questão.

#### **4 ÉTICA UTILITARISTA**

O utilitarismo tem como fundamento moral o princípio da máxima felicidade possível e teve como maiores teóricos, Jeremy Bentham (1748 – 1832) e John Stuart Mill (1806 – 1873). O cerne do utilitarismo é a ideia de que uma ação é boa quando esta promove a felicidade ou dependendo das circunstâncias, a diminuição da infelicidade e má quando promove o contrário da felicidade.

Uma vida com felicidade não é uma vida em estado de excitação constante, até porque isso seria impossível. É uma vida que têm momentos de prazer e excitação, e poucos momentos de dor e sofrimento, como mostra Stuart Mill:

A felicidade a que se referiam não era a de uma vida de êxtase, mas de momentos de êxtase em uma existência feita de poucas e passageiras dores, de muitos e variados prazeres, com nítida predominância do ativo sobre o passivo, e tendo como fundamento do conjunto o não esperar da vida mais do que ela pode dar. Uma vida assim constituída sempre pareceu [...] digna do nome de felicidade. (MILL, 2000, P. 37)

Procurando o bem-estar (felicidade, prazer) para o maior número de pessoas possíveis, o utilitarismo é considerado hedonista. Para o utilitarismo, a moralidade reside nas vantagens e desvantagens que resultam de uma ação. Sendo assim, o

utilitarismo é tido como consequencialista, pois o fim de uma ação é que determinará se uma ação é boa ou má. Neste sentido, para tomar uma decisão que ensejará no bem-estar da maior quantidade possível de pessoas, o utilitarismo faz uma análise das alternativas e de suas consequências, escolhendo a que produza a maior utilidade. Há um primado dos fins em relação aos meios. Casos particulares não são examinados, mas sim o todo, a felicidade particular é importante, mas não vale mais que a felicidade geral.

[...] a felicidade que constitui o critério utilitarista do que é certo na conduta não é a felicidade do próprio agente, mas a de todos os interessados. Entre a própria felicidade e a dos outros, o utilitarismo exige que cada um seja tão estritamente imparcial quanto um espectador desinteressado e benevolente. Na regra de ouro de Jesus de Nazaré encontramos todo o espírito da ética da utilidade. Proceder como desejaríamos que procedessem conosco e amar o próximo como a si mesmo constituem a perfeição da moralidade utilitarista. (MILL, 2000, P. 41)

Diferente da concepção kantiana a respeito de valores morais do indivíduo, para o utilitarismo pouco importa o motivo ou intenção do agente. O que interessa realmente é se a ação deste agente resultará numa ação boa ou má. Como diz Mill,

[...] nenhum critério ético conhecido decide que uma ação seja boa ou má por ter sido realizada por um homem bom ou mau, e menos ainda porque realizada por um homem afável, corajoso, benevolente ou o contrário. Essas considerações não são relevantes para a avaliação das ações, mas das pessoas, e nada há na teoria utilitarista que seja inconsistente com o fato de existirem, nas pessoas, outras coisas que nos interessam além da natureza certa ou errada de suas ações (MILL, 2000, P. 44)

No mesmo sentido do exposto acima, determinadas tomadas de decisões devem ser guiadas pelo princípio da utilidade, mesmo que atentem contra normas/leis estabelecidas pela sociedade, como mentir por exemplo.

[...] todos os moralistas reconhecem que mesmo essa regra [**veracidade**], sagrada que é, admite possíveis exceções, sendo a principal aquela em que a omissão de algum fato (como omitir uma informação a um malfeitor ou más notícias a uma pessoa gravemente doente) preserva alguém (principalmente um indivíduo que não seja o próprio) de um grande e imerecido mal e quando a omissão só pode ser realizada pela negação. (MILL, 2000, P. 47. Grifo nosso)

## 5 PETER SINGER E A CONCEPÇÃO ÉTICA NOS DIAS ATUAIS



Peter Albert David Singer nasceu em 1946, na cidade de Melbourne, Austrália. Seus pais eram judeus que emigraram da Áustria assim que esta foi anexada à Alemanha nazista, em 1938. Estudou em escolas laicas e em sua adolescência optou por não realizar a cerimônia de Bar Mitzvá (cerimônia de inserção de jovens judeus como membros maduro da comunidade judaica), pois como não se sentia crente o suficiente de sua religiosidade judaica, acreditava ser incoerente de sua parte a realização de tal cerimônia. Fez bacharelado (1967) e posterior mestrado (1969) em filosofia na Universidade de Monash (Melbourne). Em 1971 terminou sua pós-graduação na Universidade de Oxford (Reino Unido). Lecionou por dois anos no University College de Oxford e por pouco mais de um ano lecionou como professor visitante na Universidade de Nova Iorque.

No período em que esteve nos Estados Unidos escreveu sua obra mais importante, *Libertação Animal* (1975). Neste livro, Peter Singer denuncia a crueldade e a exploração que os animais sofrem por empresas de produção de alimentos e de cosméticos. Singer defende que a noção de direito à vida também deve ser estendida aos animais. Para ele, a raça humana discrimina as outras raças, onde Peter Singer chama de especismo. O livro, *Libertação Animal*, causou grande repercussão pública, provocando mudanças de ordem prática nas empresas/industrias que “usam” animais. Em 1977 regressou para Melbourne onde recebeu a cátedra acadêmica da Universidade de Monash, criando o Centro de Bioética Humana. Em 1979 lança o livro *Ética Prática*, expandindo seu pensamento para áreas como a eutanásia, meio ambiente, relação entre ricos e pobres, animais, embriões e fetos humanos. No ano de 1999 recebeu a cátedra de Bioética do Centro de Valores Humanos da Universidade de Princeton (EUA).

Ao pensarmos em ética, erroneamente pensamos que seja um campo de pura abstração da filosofia distante da realidade. Mas como o próprio nome do livro (*Ética Prática*) de Peter Singer sugere, a ética é uma prática constante do ser humano, onde tais perspectivas éticas acabam norteando nossas vidas. Neste vasto campo da ética, Peter Singer diz que “a ética se fundamenta num ponto de vista universal” (SINGER, 2002, p 19). Colocando-se numa posição utilitarista.

O utilitarismo se divide em duas correntes, sendo a primeira chamada de utilitarismo clássico, que data da primeira metade do século XIX, e teve como principais intelectuais os filósofos Jeremy Bentham e John Stuart Mill. O utilitarismo clássico procura maximizar o prazer e minimizar o sofrimento e tinha como princípio

“a máxima felicidade possível para o maior número possível de pessoas” (REALE, 2005, p 301). A outra corrente é o utilitarismo preferencial, desenvolvida por Peter Singer, que é baseado nos interesses dos envolvidos, ou seja, o interesse de um indivíduo não prevalece sobre o de outro e tais interesses devem levar em consideração as consequências da decisão tomada.

## 6 SOMOS REALMENTE IGUAIS?

O discurso de que todos os seres humanos são iguais é dominante e serve de prerrogativa para várias políticas. A partir deste princípio de igualdade, negros, mulheres e homossexuais reivindicam políticas públicas de igualdade (inclusão). É verdade que a humanidade deu passos significativos para a diminuição das desigualdades, como a desigualdade racial, por exemplo. Como Singer aponta, até o final do século XIX, ideias racistas eram difundidas sem o menor pudor, hoje é algo inaceitável.

Mas poderemos chegar a uma “igualdade” de fato? Singer diz que não, por vários motivos óbvios, como:

Alguns são altos, outros são baixos; alguns são bons em matemática, outros são incapazes de aprendê-la; alguns conseguem correr cem metros em dez segundos, outros levam quinze ou vinte minutos para fazer o mesmo percurso; alguns jamais feririam, intencionalmente, um semelhante, ao passo que outros matariam um estranho por cem dólares se conseguissem fazê-lo impunemente [...] poderíamos citar um número interminável de exemplos semelhantes. O fato é que os seres humanos diferem entre si e que as diferenças remetem a tantas características, que a busca de uma base factual sobre a qual se pudesse erigir o princípio de igualdade parece inalcançável. (SINGER, 2002, p. 26-27)

Para dar continuidade e forjar sua teoria, Peter Singer traz ao debate as ideias de John Rawls, onde este propusera em seu livro *A Theory of Justice*, “que a igualdade pode fundamentar-se nas características naturais dos seres humanos” (SINGER, 2002, p. 27). Para Rawls, todos os seres humanos possuem um senso de justiça denominado por ele de “*personalidade moral*”. E por ser de corrente contratualista, para Rawls, apenas os suficientemente capazes de possuir uma personalidade moral podem ser considerados eticamente. Neste sentido:

Rawls trata de bebês e crianças, incluindo pessoas morais em potencial, juntamente com aquelas que são, de fato, morais, na esfera do princípio de igualdade. Mas isso é um recurso *ad hoc*, confessadamente destinado a harmonizar a sua teoria com as nossas instituições morais correntes, e não alguma coisa da qual se possam apresentar argumentos independentes. [...] embora Rawls admita que os que sofrem de deficiências intelectuais irreparáveis ‘possam apresentar uma dificuldade’, ele não oferece quaisquer sugestões para solucionar essa dificuldade. (SINGER, 2002, p. 28)

Com isto, Peter Singer demonstra que a teoria de Rawls se mostra frágil, e “não oferece uma base satisfatória para o princípio de que todos os seres humanos são iguais” (SINGER, 2002, p. 28). Então como construir uma igualdade para todos? Singer tentará resolver esse problema com a igual consideração de interesses.

## 7 A ESSÊNCIA DOS INTERESSES

Para Peter Singer, o utilitarismo baseado nos interesses individuais não é a maneira eticamente correta de levar uma vida. O fundamento da teoria do princípio da igual consideração de interesses reside no fato de considerar todos os interesses dos envolvidos com um peso igual. Assim, todos que são dignos de consideração moral, por mais desiguais que sejam, devem ser igualmente considerados, independentemente das características ou classe a que os afetados pertençam. Para ficar mais claro essa afirmação, Peter Singer sugere que utilizemos um problema concreto, como o alívio da dor. É sabido que

[...] a razão moral fundamental para o alívio da dor é simplesmente a indesejabilidade da dor enquanto tal, e não a indesejabilidade da dor de X, que pode ser diferente da indesejabilidade da dor de Y. É claro que a dor de X poderia ser mais indesejável do que a dor de Y, pelo fato de ser mais forte, e então o princípio da igual consideração atribuiria um peso maior ao alívio de X. (SINGER, 2002, p. 30-31)

Conforme exposto, o princípio da igual consideração de interesses norteia-se pelo ponto de vista universal, mas em alguns casos deve-se considerar todos os aspectos que envolvem a questão, como: o contexto, a situação, as características, motivações e desejos dos envolvidos.

O princípio da igual consideração de interesses atua como uma balança, pesando imparcialmente os interesses. As verdadeiras balanças favorecem o lado em que o interesse é mais forte, ou em que vários interesses se combinam para exceder em peso um menor número de interesses

semelhantes; mas não levam em consideração quais interesses estão pesando. (SINGER, 2002, p. 31)

Peter Singer propõe que o princípio da igual consideração de interesses seja uma forma defensável do princípio de igualdade entre os seres sencientes. Então, os interesses semelhantes de todos os afetados por nossas ações terão igual peso de consideração em nossas decisões morais, ou seja, um interesse é um interesse, independentemente de quem ou o que ele seja. Se a dor é semelhante, é irrelevante a orientação sexual, raça, sexo, espécie a que o sujeito de consideração moral pertença. Considerar menos a dor de uma pessoa afro-descendente em comparação a dor semelhante de uma pessoa de descendência europeia é totalmente incoerente com este princípio.

Todavia, o princípio da igual consideração de interesses, nem sempre põe em pé de igualdade os envolvidos, Singer mostra o exemplo de duas vítimas de um terremoto em que a primeira vítima está com uma perna esmagada, sentindo muita dor, e a segunda vítima com um ferimento na coxa sentindo pouca dor, supondo que só restam duas doses de morfina, um tratamento igualitário exigiria que se administrasse uma dose em cada vítima, mas um tratamento que considera igualmente os interesses, sendo o interesse da vítima que teve a perna esmagada maior que a vítima que feriu a coxa e sente pouca dor, o correto seria o tratamento desigual, administrando as duas doses na primeira, que está com a perna esmagada.

Singer mostra que em casos especiais, o princípio da igual consideração de interesses pode aumentar a diferença, ao invés de diminuí-la, contudo, a ação visa o melhor resultado. Singer exemplifica novamente o caso com duas vítimas de um terremoto, onde existe recursos médicos para tratar apenas uma. A vítima A perdeu uma perna e está prestes a perder um dedo da perna que lhe resta, enquanto a vítima B possui as duas pernas, mas se não receber tratamento perderá uma perna. A igual consideração de interesses indica que o tratamento deve ser dado a B, pois mesmo A estando em situação mais grave, perder um dedo da perna que lhe resta tem menor peso do que B perder uma perna.

Então, para Peter Singer, o princípio da igual consideração de interesses é, portanto, um princípio mínimo de igualdade, pois ele não é baseado nas qualidades ou características dos sujeitos éticos, exceto pela capacidade de possuir interesses,

ele não enseja em tratamento igual, mas visa um resultado igualitário para todos os seres sencientes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como Peter Singer é um filósofo vivo e com produção ativa, este artigo é um retrato do momento atual. Mesmo tendo uma grande argumentação em seus escritos e que dificilmente ele possa mudar os rumos de seu pensamento, Peter Singer, talvez, altere de forma significativa a ideia a qual este artigo foi baseado.

Como mostrado, para alcançar o objetivo deste artigo fora construído um breve resumo historiográfico sobre as diferenças existentes entre a deontologia, que recebeu forte influência do rigorismo de Immanuel Kant, do utilitarismo, que recebeu aporte teórico de John Stuart Mill. Desta maneira, ficando mais fácil o entendimento do conceito do princípio de igual consideração de interesses e como este conceito é peça fundamental e alicerça a filosofia utilitarista preferencial de Peter Singer.

A teoria da igual consideração de interesses não é uma ferramenta que pretende nivelar a humanidade em termos extremos de igualitarismo, pois como mostrado, há situações em que o interesse de determinado sujeito é contrariado para que beneficie a maioria, ou outro sujeito que esteja em situação desigual ao primeiro.

O princípio da igual consideração de interesses servirá de base para questões mais objetivas, como a eutanásia, o direito à vida dos homens e dos animais, à discussão da igualdade e práticas de ações afirmativas entre outros assuntos abordados no livro *Ética Prática* de Peter Singer.

## **ABSTRACT**

The purpose of this article is to understand the key concept of the contemporary philosopher Peter Singer. This Australian, beloved by many and despised by many others, develops the concept of equal consideration of interests that leaders all his literatures. This article offers a brief historical review, seeking to distinguish the deontological ethics of Kantian perspective, from the ethics consequentialist under Stuart Mill perspective, which stands the concept of utilitarianism. It will address the utilitarian ethics today and will be seen as Peter Singer subdivides utilitarianism, creating a new perception. When Singer's theory of equal consideration of interests

is explained, it will be concluded that not always an action that aims at equality entails an equality itself. Often uneven action is to provide the desired equality.

**Keywords:** Utilitarianism. Peter Singer. Equal consideration of interests.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **História da filosofia**. Trad. de António Ramos Rosa, António Borges Coelho. Porto: Editorial Presença, 1970. v. VIII

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Trad. de Desidério Murcho... et al. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

FREITAS, H. **O utilitarismo de Stuart Mill**. Disponível em: <<http://filomoniz.blogs.sapo.pt/2093.html?thread=557>>. Acesso em 02 set. 2016.

KANT, Immanuel. **A Metafísica dos Costumes**. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. Bauru: Edipro, 2003 (Série Clássicos Edipro, 335)

\_\_\_\_\_. **Crítica da Razão Prática**. Tradução e prefácio de Afonso Bertagnoli. São Paulo: Brasil Editora, 1959. Versão para eBook, 2004.

MENDES, V. **A igualdade e as implicações do problema de Singer**. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/viewFile/14911/13579>>. Acesso em 30 abr. 2016.

MILL, John Stuart. **O utilitarismo**. Tradução e introdução de Alexandre Braga Massella. São Paulo: Iluminuras, 2000.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. Trad. de Roberto Leal Ferreira, Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MORENA, L. **O utilitarismo preferencial de Peter Singer**. Disponível em: <<http://pansophia-filosofia.blogspot.com.br/2014/03/o-utilitarismo-preferencial-de-peter.html>>. Acesso em 15 set. 2016.

OLIVEIRA, Anselmo Carvalho. **Fundamentos da filosofia moral de Peter Singer**. Disponível em: <[http://cchla.ufrn.br/ppgfil/paginas/mestrado/dissertacao/PDF/Anselmo\\_Carvalho\\_de\\_Oliviera.pdf](http://cchla.ufrn.br/ppgfil/paginas/mestrado/dissertacao/PDF/Anselmo_Carvalho_de_Oliviera.pdf)>. Acesso em 15 set. 2016.

REALE, Giovanni.; ANTISERI, Dario. **História da filosofia, 4: de Spinoza a Kant**. Trad. de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulos, 2005. v. 5  
\_\_\_\_\_. **História da filosofia, 5: do romantismo ao empiriocriticismo**. Trad. de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulos, 2005. v. 5

SINGER, Peter. **Ética prática**. Trad. de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

VIRGINIO, Sérgio de Andrade. **A ética prática no pensamento de Peter Singer**.

Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/5588/1/arquivototal.pdf>>.

Acesso em 09 set. 2016.